

CAROLINA MARIA DE JESUS, MANUSCRITOS QUE PERPETUAM SUA ESCRITA

Carolina Maria de Jesus, unedited texts which perpetuate her writing

Carolina María de Jesús, manuscritos que perpetúan su escritura

Patrícia Cristina Capelett Teixeira^{1, 2}

RESUMO

No presente trabalho, faremos uma breve revisão bibliográfica da vida da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. A obra mais famosa, *Quarto de despejo: diário de uma favela* (1960) é a primeira publicação, ocorrida em 1960. Escolhemos destacar *Meu estranho diário* (1996) tendo em vista que pesquisadores organizaram essa obra a fim de que novos olhares sejam realizados em relação a primeira obra que fora editada por Audálio Dantas. Avaliamos que o texto merece atenção e não deve ser esquecida pois representa a Literatura Brasileira. Nela temos o relato de uma moradora da favela Canindé, a qual era localizada em São Paulo. Carolina relata criticamente a realidade em que precisa educar seus filhos mesmo com tanta precariedade. Com este trabalho teremos conhecimento quanto à temática do livro, bem como ao motivo de a autora ser conhecida mundialmente por meio de traduções.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Quarto de despejo; Literatura Brasileira.

¹ Graduada em Letras Português - Inglês e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Professora na Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: patriciacapelett@hotmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal de Roraima, Reitoria. Avenida Capitão Ene Garcez - de 1985 ao fim - lado ímpar Aeroporto, CEP: 69310000 - Boa Vista, RR – Brasil.

ABSTRACT

In this study, we present a brief bibliography revision about the life of Brazilian writer Carolina Maria de Jesus. The most famous book, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (translated in English as *Child of the dark*), is the first one published, in 1960. We chose to highlight "Meu estranho diário" (1996) (translated as *The unedited diaries*) because it was organized by searchers in order to promote new views to the first Carolina's book, which was edited by Audalio Dantas. We evaluated this text deserves attention and it should not be forgiven because she represents Brazilian Literature. *Quarto de despejo* is the report of a slum dweller in the Canindé favela, located in São Paulo. Carolina critically reports the reality in which she needs to raise her children even with so much insecurity. Considering this work, we will be able to have a clear vision of book's theme, as well understand the reason why Carolina is known around the world by means of translations.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; Child of the dark; Brazilian literature.

RESUMEN

En el presente trabajo, haremos una breve revisión bibliográfica de la vida de la escritora brasileña Carolina María de Jesús. La obra más famosa, Cuarto de volcado: diario de una favela (1960) es la primera publicación, ocurrida en 1960. Elegimos destacar Mi extraño diario (1996) teniendo en vista que investigadores organizaron esa obra a fin de que nuevas miradas sean realizadas en en relación a la primera obra que había sido editada por Audalio Dantas. En el caso de que se trate de una persona, En ella tenemos el relato de una moradora de la favela Canindé, la cual estaba ubicada en São Paulo. Carolina relata críticamente la realidad en que necesita educar a sus hijos incluso con tanta precariedad. Con este trabajo tendremos conocimiento en cuanto a la temática del libro, así como al motivo de que la autora sea conocida mundialmente por medio de traducciones.

PALABRAS CLAVE: Carolina María de Jesús; cuarto de volcado; Literatura Brasileña.

Recebido em: 03.11.2017. Aceito em: 05.12.2017. Publicado em: 10.12.2017.

Introdução

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais, cidade onde viveu sua infância e adolescência. Filha de pais meeiros, eles migraram de Desemboque para Sacramento, quando houve mudança da economia da extração de ouro para as atividades agropecuárias.

Seus estudos iniciaram aos sete anos, quando a mãe de Carolina forçou-a a frequentar a escola depois que a esposa de um rico fazendeiro decidiu pagar os estudos dela e de outras crianças pobres do bairro. Era o colégio espírita Allan Kardec – o primeiro colégio espírita em Sacramento, o qual desenvolvia um trabalho voltado às crianças pobres da cidade, por meio da ajuda de pessoas influentes. Carolina parou de frequentar a escola no segundo ano, mas aprendeu a ler e a escrever. Assim, Carolina estudou pouco mais de dois anos e toda sua educação formal na leitura e na

escrita é com base nesse pouco tempo de estudo.

A mãe de Carolina tinha dois filhos ilegítimos, fato que ocasionou sua expulsão da Igreja Católica quando ainda era jovem. Ao longo da vida, a mãe de Carolina foi uma católica devota, mesmo nunca tendo sido readmitida na congregação. Influenciada pela mãe, Carolina fez diversas referências religiosas em suas obras.

Em 1923, a família de Carolina se mudou para Lajeado, Minas Gerais, onde trabalharam como lavradores. Quatro anos mais tarde, em 1927, foram para a cidade de Franca, interior de São Paulo, para que Carolina trabalhasse tanto como lavradora em uma fazenda, como empregada doméstica na cidade. No ano seguinte, eles retornaram para Sacramento. O ano de 1933 foi marcado pela prisão de Carolina e sua mãe, acusadas de prática de feitiçaria; como consequência, voltaram para Franca, SP.

Em 1937, Carolina sofreu com a morte da mãe e sem ter mais a ajuda dela,

decidiu migrar para a metrópole de São Paulo, onde construiu sua própria casa usando madeira, lata, papelão e qualquer coisa que pudesse encontrar. Ela saía todas as noites para coletar papel, a fim de conseguir dinheiro para sustentar a família. Quando encontrava revistas e cadernos antigos, guardava-os para escrever em suas folhas. Começou a escrever sobre seu dia a dia. Isto aborrecia seus vizinhos, que não eram alfabetizados, pois sabiam que Carolina escrevia sobre o comportamento dos moradores da favela e; por isso, se sentiam desconfortáveis e até ameaçados em vê-la sempre escrevendo.

Carolina se envolveu com homens quando jovem; porém, sempre recusou a casar-se. Seus relatos descrevem que ela presenciou muitos casos de violência doméstica. Nesse sentido, podemos sugerir que Carolina tinha medo em passar pelas mesmas situações, pois a independência dela e o bem-estar dos seus filhos estariam em primeiro plano.

No ano de 1948, mudou-se para a favela do Canindé, onde ela teve três filhos, cada um de pais diferentes, sendo um deles um homem da alta sociedade paulistana, fato que ela faz questão de deixar claro em sua primeira obra *Quarto de despejo*. O primeiro filho, João José de Jesus, é fruto do relacionamento com um marinheiro português. Dois anos mais tarde, em 1950, nasceu o segundo filho: José Carlos de Jesus, devido ao relacionamento que ela teve com um espanhol. Nesse mesmo ano, Carolina publicou um poema, em louvor a Getúlio Vargas, no jornal "O defensor"³, em 17 de Junho. Em 1953, Carolina teve a Vera Eunice de Jesus, após o relacionamento com um comerciante dono de uma fábrica. Carolina nunca revelou a identidade do pai de sua filha.

Em 15 de julho de 1955, ela iniciou seus registros, em formato de diário, sobre

3 De acordo com Raffaella Fernandez (2015), "O defensor" é reescrito por ela em seu diário de 15/07/1955 – 28/07/1955 (BN, Caderno 1, 47, GAV1, 01):

a vida na favela. Após três anos, em abril de 1958, foi descoberta pelo jovem fotógrafo e repórter Audálio Dantas, na favela do Canindé, quando ele cobria a abertura de um pequeno parque municipal. Imediatamente após a cerimônia, uma gangue de rua chegou e reivindicou a área, perseguindo as crianças. Dantas viu Carolina de pé na beira do local gritando "Saíam ou eu vou colocar vocês no meu livro!" Os intrusos partiram. Dantas, observando tudo o que acontecia, perguntou o que ela queria dizer com aquilo. Ela levou-o até o seu barraco e mostrou-lhe os seus vinte e poucos cadernos escritos à mão. Então, ele pediu uma amostra pequena dos textos e levou-a até ao jornal. A história de Carolina chamou a atenção de toda a cidade. Posteriormente, as produções de Carolina foram publicadas e, em 1960, transformaram-se em *Quarto de despejo*, ano em que foi publicado o livro.

Nesse mesmo ano, trechos do diário de Carolina foram publicados no jornal

Folha da noite. No ano de 1959, a revista *O cruzeiro*, lugar onde Audálio Dantas começou a trabalhar, publicando trechos dos diários.

O livro que contém os diários de Carolina, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, é lançado em 1960 com estrondoso sucesso, tendo sua primeira edição com tiragem de dez mil exemplares. Na noite de autógrafos foram vendidos 600 exemplares; no primeiro ano, com várias reedições, mais de cem mil exemplares foram vendidos.

Em 1960, Carolina Maria deixou a favela do Canindé e mudou-se inicialmente para os fundos da casa de um amigo, em Osasco-SP. Ainda nesse ano foi homenageada pela Academia Paulista de Letras e pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. No ano seguinte, em 1961, lança *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Mas este livro não agrada aos críticos e à elite da época, pois Carolina critica o interesse das pessoas ao dinheiro e mesquinhas do mundo

capitalista. Na obra, a autora se muda para a São Paulo capital, devido à ascensão social obtido nas vendas do seu primeiro diário. Nesse contexto, ela convive com a alta sociedade paulistana e, como fez na favela, revelando o comportamento dos favelados, na cidade metrópole, ela também denuncia fatos sociais, políticos e culturais culminando a produção do segundo diário da autora, nomeado por *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Carolina chamou a atenção porque escrevia da favela, na favela, ou seja, não seria conveniente que se falasse sobre a classe burguesa pelos olhos de uma ex-favelada, logo, seu segundo diário foi pouco conhecido.

Ainda em 1961, Carolina Maria viajou para o Uruguai, ao Chile e a Argentina, lugares que a agraciaram com a *Orden Caballero del Tornillo*. Visitou também várias regiões do Brasil. Na *Feira do livro do Rio de Janeiro* desentende-se com Jorge Amado, pois a autora acreditava que o

baiano tinha inveja ou que estava "enciumado" com o seu sucesso literário.

Além de livros, Carolina Maria de Jesus também lançou produtos na área musical, como o disco chamado *Cantando*, que continua suas composições. O livro *Provérbios* foi lançado em 1965 com edição da própria Carolina; este livro, no entanto, não teve nenhuma repercussão. Em 1963, o romance *Pedaços da fome* que foi lançado com apresentação de Eduardo Oliveira e foi recebido com indiferença pela imprensa. Em 1969, Carolina realizou seu sonho e se mudou para um sítio em Parelheiros, bairro na periferia de São Paulo, juntamente com os filhos. Em 1972 ela anuncia que está escrevendo "o Brasil para os brasileiros", que é ridicularizada pela imprensa. Posteriormente, parte desse material é editada como *Diário de Bitita*, obra póstuma, que foi publicada na França.

Carolina Maria de Jesus morre aos 63 anos no dia 13 de fevereiro de 1977 vitimada por uma crise de asma, em Parelheiros, São Paulo.

Após sua morte, apareceram as publicações póstumas sobre a autora: em 1984 houve o lançamento de *Diário de Bitita*; em 1983, a Rede Globo de Televisão produziu o documentário *Caso verdade: de catadora de papel a escritora famosa*; em 1994, os professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine escreveram o livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, despertando o interesse da mídia novamente sobre a vida e obra de Carolina; em 1995, os mesmos professores lançaram nos Estados Unidos o livro *The life and death of Carolina Maria de Jesus*; em 1996, Meihy e Levine organizaram o material deixado por Carolina e publicaram *Meu estranho diário e Antologia pessoal*.

Apesar de enfrentar muitas dificuldades, como fome, moléstias, perdas, discriminações e violência, fatos que se devem fortemente a sua cor negra e condição de pobreza, Carolina revelou, por meio de sua escritura, a importância do testemunho, como forma de denúncia, da desigualdade social e do preconceito racial.

Assim, percebemos que a escrita de Carolina foi reconhecida, resultando em homenagens à autora: em 2004, em comemoração ao *Ano Nacional da Mulher*, por iniciativa do Senado, a Coordenação da Mulher da Cidade de São Paulo lança o *Calendário Mulheres* que estão no mapa, com homenagem à Carolina Maria de Jesus o qual é exposto no mês de novembro. Nesse ano, inauguram a *Rua Carolina Maria de Jesus*, no bairro de Sapopemba.

No ano seguinte, em 2005, a Biblioteca Carolina Maria de Jesus, no Museu Afro-Brasil, no Parque Ibirapuera em São Paulo-SP foi inaugurada. Em 2009, Joel Rufino dos Santos escreveu o livro *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Após três anos, em 2012, há o lançamento do livro *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário de uma escritora vira lata*, da autoria de Germana Henriques Pereira de Sousa. Em 2014, há a publicação de um novo livro sobre a autora escrito por Elzira Divina Perpétua, *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*.

A mais recente homenagem a Carolina está na edição do mês de janeiro de 2017 da revista em quadrinhos *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza. Trata-se de um projeto chamado *Donas da rua* que conta com a parceria da ONU Mulheres, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. O projeto trabalha para a eliminação da discriminação contra as mulheres e meninas e a realização da igualdade entre mulheres e homens como parceiros e beneficiários do desenvolvimento, direitos humanos, ação humanitária, paz e segurança. Carolina foi homenageada porque é uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil.

Reflexos da obra de Carolina Maria de Jesus

A obra desta brasileira negra, humilde, discriminada e rechaçada pela elite brasileira, de todas formas deu origem

a várias outras manifestações artísticas. No *Portal bibliográfico*, site que é atualizado por Barcellos (2014), afirma-se que *Quarto de despejo* inspirou diversas expressões artísticas como a letra do samba “Quarto de despejo,” (1961) de B. Lobo; a adaptação teatral de Edy Lima; um filme realizado pela Televisão Alemã, utilizando a própria Carolina de Jesus como protagonista, “Despertar de um sonho;” e, também, a adaptação para a série “Caso Verdade” da Rede Globo de Televisão em 1983.

No que se refere à publicação cinematográfica, Barcellos (2014) relata que em 1975, o curta-metragem “Despertar de um Sonho” (sobre a vida de Carolina Maria de Jesus), produção alemã com direção de Gerson Tavares, foi proibido de ser exibido no Brasil. Em 1977, a Scappelli Film Company propõe a realização de um filme a partir de *Quarto de despejo*, cuja realização, porém, não se efetiva.

Carolina a mulher que resistiu às pressões do meio

Apesar de negra, pobre, semi-alfabetizada, Carolina jamais se resignou com as condições impostas pela classe social a qual pertencia. Em uma vizinhança com alto índice de analfabetismo, saber escrever era uma conquista excepcional. Carolina escreveu poemas, romances e histórias, ou seja, diversos gêneros. Um dos temas abordados em seu diário tratava das pessoas do seu entorno. A autora descrevia a si mesma como alguém muito diferente dos outros favelados.

Ao ver muitas pessoas do seu círculo social sucumbirem às drogas, álcool, prostituição, violência e roubo, Carolina lutou para se manter fiel à escrita, e aos filhos, a quem sustentava vendendo lixo reciclável e com as latas de comida e roupa que encontrava no lixo.

Escreveu e publicou alguns livros após *Quarto de despejo*; porém, sem muito sucesso. Seu auge e decadência como figura pública foram fugazes. Isso

possivelmente ocorreu tanto devido à sua personalidade forte, que a afastava de muita gente, quanto a drástica mudança no panorama político brasileiro, pois a partir do golpe de estado em 1964, qualquer manifestação popular era marginalizada.

Além disso, Carolina também escreveu poemas, histórias curtas e diários breves, embora estes nunca tenham sido publicados. A edição de 1977 do *Jornal do Brasil* trazia, no obituário da autora, comentários sobre ela supostamente se culpar por não ter sabido aproveitar a sua breve fama, e afirmava que ela havia morrido pobre devido à sua teimosia. No entanto, a importância da sua história para a compreensão da condição de vida nas favelas brasileiras da época é o que se torna mais relevante sobre as obras carolinianas.

Assim, podemos destacar seus livros publicados:

- *Quarto de despejo* (1960);
- *Casa de alvenaria* (1961);
- *Pedaços de fome* (1963);
- *Provérbios* (1963).

E os livros com publicação póstuma:

- *Diário de Bitita* (1984);
- *Meu estranho diário* (1996);
- *Antologia pessoal* (1996);
- *Onde estaes felicidade?* (2014).

Alguns pesquisadores analisam diversos aspectos relacionados a Carolina Maria de Jesus. A pesquisadora Raffaella Fernandez (2015), por exemplo, trabalha na organização do material inédito deixado por Carolina de Jesus em 56 cadernos que somam 5.000 páginas de texto, contendo: diário, romances, contos, provérbios, poemas, quadras, textos curtos e narrativas autobiográficas, jornais e revistas, livros.

Todo o material, conforme Fernandez (2015), está dividido entre o Museu Afro Brasil (MAB), em São Paulo, a Biblioteca Nacional (BN) e o Instituto Moreira Salles (IMS), no estado do Rio de Janeiro, o Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick (APMS), em Sacramento, e o Acervo de Escritores Mineiros (AEM), em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

Meu estranho diário (1996) há uma parcela desses manuscritos. A obra, que é organizada pelos pesquisadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, contém 314 páginas e os textos estão completos sem nenhuma revisão gramatical ou estilística dos diários. Além disso, a obra apresenta três importantes fases de Carolina Maria de Jesus, as quais são: 1) o período que reside na favela; 2) pós sucesso de publicações morando em Santana – São Paulo; e 3) no sítio, sonho idílico de retornar ao campo. A obra é traduzida por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrtens com o título *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus* (1999).

Em 2014 foi lançado o “Portal bibliográfico de Carolina Maria de Jesus”, resultado do projeto “Vida por escrito”. Trata-se de uma organização, classificação e preparação do inventário do arquivo de Carolina Maria de Jesus, o qual foi contemplado com o prêmio “Funarte de arte negra”.

Em 2015, foi publicado o livro *Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*, organizado por Sergio Barcellos. O projeto mapeou todo o material da escritora que se encontra custodiado por diversas instituições, dentre elas: Biblioteca Nacional, Instituto Moreira Salles, Museu Afro Brasil, Arquivo Público Municipal de Sacramento e Acervo de Escritores Mineiros (UFMG).

Carolina Maria de Jesus sempre foi muito crítica; por isso, era mal vista pelos políticos de esquerda e direita principalmente quando começou a participar de eventos em função do sucesso de seu livro. Por não agradar à elite financeira e política da época com seu discurso, acabou caindo no esquecimento e viveu de forma bem humilde até os momentos finais de sua vida.

A autora faleceu pobre e esquecida. No entanto, suas obras são referenciais importantes para os estudos culturais e literários, tanto no Brasil como no exterior, representando a nossa literatura

periférica/marginal e afro-brasileira, um exemplo de resistência, inteligência e capacidade que fica para sempre na história da nossa cultura.

Quarto de despejo: diário de uma favelada

Esta obra de Carolina é considerada como literatura documentária. A narrativa, considerada feminina, é realizada em primeira pessoa pela própria personagem do texto. Tem caráter de contestação/denúncia de fatos sociais que ocorriam nas décadas de 50-60 em São Paulo.

O período, década de 50/60, caracteriza-se pela busca de modernização com o lema governamental: "50 anos em 5" (Juscelino Kubitschek). Em 1960, a nova capital do país, Brasília, era inaugurada. Grandes montadoras de automóveis se instalaram em regiões incentivando a migração e o êxodo rural. Assim, de um lado a existência de muitos empregos, de

outro, aumento da pobreza, da miséria e da violência nas grandes capitais. No entanto, a obra de Carolina ainda é considerada atual, pois sua temática aborda problemas existentes até hoje nas grandes cidades do país.

Nessa obra, ela detalha o cotidiano dos moradores da favela e, de forma genuína, descreve os fatos políticos e sociais que presenciava. Escreve sobre como a pobreza e o desespero podem levar pessoas boas a trair seus princípios simplesmente para conseguir comida para si e suas famílias. Além disso, denuncia a realidade da favela do Canindé, em São Paulo, no início do desenvolvimento industrial da cidade e do surgimento cada vez maior de periferias, uma realidade cruel e perversa, até então pouco conhecida.

Conforme Audálio Dantas relata na introdução da obra, Carolina seria a pessoa mais adequada para relatar sobre a vida na favela, tendo em vista que ela morava na favela Canindé, em SP. Nenhum repórter saberia escrever com tanta exatidão e

propriedade sobre os fatos como fez Carolina.

A fome é um tema recorrente nesta obra de Carolina. Sua narrativa é inteira a procura de sobrevivência no lixo da cidade, em busca de dinheiro que pudesse dar o mínimo necessário a sua sobrevivência e a de seus filhos. Audálio acredita que a obra de Carolina é “tosca, acabrunhante e até lírica narrativa do sofrimento do homem relegado às condições mais desesperada e humilhante de vida” (DANTAS, 2004, p. 4). E ainda, o sucesso pessoal da autora é adquirido, pois ela fora “transformada de um dia para o outro numa patética Cinderela, saída do bortalho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade” (DANTAS, 2004, p. 4).

Quarto de despejo é escrito entre o período de 1955 a 1960. Carolina inicia sua narrativa no dia 15 de julho de 1955, data de aniversário da sua filha Vera Eunice. Ela descreve seu desejo de comprar um par de sapatos para Vera; porém, como não tinha condições, lavou e remendou um par que

encontrara no lixo. Ainda nesse mês, Carolina vai relatando seu dia a dia, a rotina em buscar água, lavar roupa, preparar a pouca comida que tinha para seus filhos, opinião que tinha de seus vizinhos e os valores em cruzeiros que recebia cada vez que vendia papelão que encontrava nas ruas. Ela termina o ano de 1955 desabafando, pois seus vizinhos tinham queimado os cinco sacos de papel que Carolina tinha deixado perto da rua, em frente ao seu barraco “Já estou tão habituada com a maldade humana. Sei que os sacos vão me fazer falta” (JESUS, 2003, p. 25).

Na sequência, Jesus começa seu diário em maio de 1958. Ela julgava que seus escritos não tinham importância “Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo” (JESUS, 2003, p. 25). Nesse mês, Carolina recebeu intimações do tenente da Delegacia, elogiando a forma que ela educava os filhos. Para ela, o Brasil

precisava ser governado por uma pessoa que já passou fome, pois quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças. Em junho, ela relatou como aconteciam as brigas entre os favelados utilizando as peixeiras. Esses instrumentos são representados na obra em forma de poder e respeito. Dito em outras palavras, o morador que possuísse uma peixeira era muito respeitado pelos demais, sendo até elevado a um nível de autoridade, pois ninguém se atreveria enfrentar fisicamente ou verbalmente esta pessoa.

Assim segue a narrativa de Carolina, descrevendo os acontecimentos da favela e a sua percepção sobre a realidade marginal brasileira. No último dia desse ano, Carolina recebe a visita do cigano, um relacionamento amoroso. Na passagem “quando a noite surgiu, ele veio. (...) ele é viúvo e gosta muito de mim. Se eu quero viver ou casar com ele. Abraçou-me e beijou-me” (JESUS, 2003, p. 131) percebemos a afetuosidade entre o casal; no entanto, Jesus nunca aceitou casar-se,

pois como ela mesma diz “era só o que me faltava. Depois de velha virar cigana” (JESUS, 2003, p. 131). Carolina, uma mulher forte, guerreira, poderia perder sua imagem de independência caso aceitasse a se casar com um homem. Nesta perspectiva, vemos que a autora representa, desde a década de 60, a voz de muitas mulheres brasileiras que não se consideram completas ou realizadas pelo simples fato da consumação de um casamento, pois sua completude se faria de outra forma: pelo reconhecimento dos seus escritos.

Em 1959, Carolina recebe a notícia que uma reportagem sobre ela sairia no *O cruzeiro*. Inveja, briga, discussão permeiam esse momento na favela, pois o livro de Carolina estava prestes a ser lançado e nele continha muitas denúncias sobre os moradores, comerciantes, políticos, homens de poder. Sem dinheiro e nem ter o que comer, ela desabafa “queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti (...) Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? (...) Estou sem dente. Magra.

Pudera! O medo de morrer de fome!” (JESUS, 2003, p. 151). O ano termina com festa de um nortista, mas Carolina fica em seu barraco, desejando que o próximo ano seja melhor: “Sofremos tanto no 1959, que dá pra a gente dizer: Vai, vai mesmo! Eu não quero você mais. Nunca mais!” (JESUS, 2003, p. 167).

A narrativa inovadora de uma semianalfabeta negra atraiu a atenção de críticos. Para Manoel Bandeira, ninguém poderia inventar a linguagem de Carolina, típica de quem não avançou nos estudos.

A favela, onde Carolina e seus filhos moravam, não tem o mesmo cenário. Atualmente há asfaltamento e uma nova avenida chamada Marginal. O barraco nº9, na Rua A, onde a família morava, transformou-se em centenas de outras. Assim, *Quarto de despejo* está longe de ser uma literatura esquecida. Sua temática atual é verificada pelas milhares de favelas que ainda existem em São Paulo e em tantos outros estados brasileiros.

Sua obra causou tanta polêmica, que fora traduzida em treze idiomas diferentes. Em *Child of the dark*, traduzida por David St. Clair, há algumas notas de revistas conhecidas mundialmente que fizeram em relação à obra de Carolina, as quais encontramos na contracapa da obra. A revista *The New York Times* publicou uma nota comentando sobre o livro, a qual diz “it is both ugly book and touchingly beautiful book. It carries protes and it carries compassion. There is even bitter humor” [196-]. Além disso, a revista *Horizon* também afirma “her book contains the seldom-told truth that inspires in some compassion, in some revolution, and in other revolution” [196-]. *Newsweek*, destaca ainda mais: “one of the most astonishing documents of the lower depths ever printed” [196-]⁴. Assim, sua repercussão

4 Os comentários que foram feitos à obra de Carolina, versão traduzida, estão na contra capa do livro *Child of the Dark* (2003), não sendo possível verificar a exatidão destas publicações nas referidas revistas.

mundial fez com que estudiosos brasileiros também olhassem para Carolina para além de um cânone literário brasileiro. Carolina tem muito a dizer, e sua obra representa a voz daqueles que estão silenciados e à margem da sociedade.

David St. Clair, no prefácio do tradutor, afirma que a crítica literária considera *Quarto de despejo* um dos melhores livros do século escrito no Brasil. Além disso, ele justifica que Carolina não almejou ser artística; mas, sim sincera.

O tradutor procurou contextualizar algumas questões sociais que estão implícitas no texto original. No prefácio, ele tenta preencher essas lacunas fazendo uma breve contextualização do Brasil, desde o período colonial, até o momento em que Carolina publica seu diário, em 1960.

A abolição da escravatura é um marco importante que David destaca. Os negros libertos deveriam trabalhar e pagar pela própria comida. No entanto, não havia trabalho para tantos negros. Assim, formaram-se as favelas, construções nos

morros de São Paulo e do Rio de Janeiro em condições medíocres de sobrevivência.

Além disso, ele também justifica a presença da figura do nordestino na obra de Carolina. Essas pessoas saíram dos seus estados de origem (da região nordeste) por causa da falta de água e de comida, pois quando a seca atingia sua terra, destruía as lavouras e não viam mais perspectiva de sustento da família. Em busca de trabalho, água e comida, nordestinos migraram para São Paulo. No entanto, não dominar a norma culta da língua portuguesa, entre outros fatores políticos, sociais e culturais, culminaram em desemprego. Resultado: nordestinos também passaram a morar em favelas, devido ao custo baixíssimo de vida.

David denuncia por meio das suas palavras, "os governantes locais fazem nada sobre eles. Algumas igrejas e caridades tentam ajudar" (CLAIR, 2003, p. VII). Leitores do mundo inteiro podem entender que os relatos de Carolina são resultados de problemas sociais brasileiros. Ele também se preocupa em descrever a bibliografia da

escritora/narradora, como ela foi descoberta pelo jornalista e o estilo em forma de diário de sua obra.

Por fim, o tradutor enfatiza seu sucesso obtido com a publicação da obra e destaca que a personagem central pode não ser apenas Carolina; mas, sim a fome. E junto com ela, outros problemas estão em seu livro, como: alcoolismo, prostituição, violência e assassinato.

Robert M. Levine, responsável pela revisão de *Quarto de despejo*, é um estudioso que dedicou sua carreira, principalmente, voltada para a história social do Brasil. Ele nasceu e cresceu em Nova York. Depois de formado, com Honra ao Mérito na Universidade Colgate, obteve o título de PHD na Universidade de Princeton. Levine morreu de câncer. Dentre algumas obras do autor, temos: *Vale of tears: the canudos massacre in northeast Brazil* (1995), *Cinderela negra: A saga de Carolina Maria de Jesus* (1994), *The life and death of Carolina Maria de Jesus* (1995),

Father of the poor? Getúlio Vargas and his era (1998), *entre outros*.

O livro de Carolina foi amplamente lido, tanto na Europa ocidental capitalista e nos Estados Unidos, como nos países do bloco socialista, o chamado bloco oriental e Cuba; um abrangente público que mostrava como a sua história havia tocado milhares pessoas fora do Brasil. Para o ocidente liberal e capitalista, seu primeiro livro retratava um sistema cruel e corrupto reforçado durante séculos por ideais colonizadores presentes nas dinâmicas sociais da população. Já para os leitores comunistas, suas histórias representavam perfeitamente as falhas do sistema capitalista no qual o trabalhador é a parte mais oprimida do sistema econômico.

José Carlos Sebe Bom Meihy compara a obra de Carolina com as obras dos demais escritores e afirma: "ela superou todos os escritores brasileiros em termos de conhecimento internacional. Ultrapassando largamente Jorge Amado como personalidade "literária" mais conhecida do

Brasil" (MEIHY, 1994, p. 88). Conforme o professor, "Carolina conseguiu ainda outro mérito curioso: até hoje permanece como a autora brasileira mais publicada no exterior, em particular nos Estados Unidos" (MEIHY, 1994, p. 88).

Diante do exposto sobre a obra e a tradução de *Quarto do despejo*, pudemos perceber o cuidado que David St. Clair teve para contextualizar a obra de Carolina, a fim de que o leitor entenda o estilo único da escritora vinculando ao contexto social em que a obra foi publicada.

Considerações Finais

Diante do exposto, apresentar obras literárias que são, ainda, pouco recorrentes para os estudiosos da linguagem é trazer questões e oportunidades para novos estudos com novos olhares, ressaltando aspectos culturais do Brasil.

Carolina é uma escritora que foge aos padrões de cânones da literatura. Na primeira obra da escritora pudemos

perceber que a autora buscou ser realista descrevendo a realidade em que vivia, não se privando em denunciar questões políticas e sociais e dizer o que pensava de tudo que via. No entanto, gostaríamos de destacar que Carolina buscava trabalho, sobrevivência de sua família, e seus escritos revelam seu sonho de ser escritora; porém não tinha dinheiro para pagar uma editora (JESUS, 2004).

Por fim, esperamos que nosso trabalho possa ter contribuído para mostrar a interessante temática da obra. Além disso, gostaríamos de incentivar pesquisas com base nos manuscritos da autora, pois neles temos o estilo da escritora sem nenhuma adaptação editorial ou revisão gramatical. Carolina representa, senão a primeira, uma das mais importantes autoras mulher negras da literatura brasileira.

Referências

BARCELLOS, Sergio. **Vida por escrito:** Carolina Maria de Jesus, 2014. Disponível

em

<<http://www.vidaporescrito.com/biografia>>

Acesso em: 22 fev 2017.

CLAIR, David St. Translator's preface. In: JESUS, Carolina Maria de. **Child of the dark:** the diary of Carolina Maria de Jesus. New York: Signet Classics/ Penguin Group, 2003.

DANTAS, Audálio. Retrato da favela no diário de Carolina. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n.º36, p.92-98, 20 jun. 1959.

_____. Apresentação. In: Carolina Maria de JESUS. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2004, p.3-5.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus.** Campinas, SP, 2015, 315 f. Tese (Doutorado em Teoria Crítica Literária) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo:

Francisco Alves, 1960 (2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e 7^a ed. 1960).

_____. O Rio também tem seu Quarto de despejo. Henri Ballot (Org.). **Revista O cruzeiro**. São Paulo, 31 dez 1960, p.24-30.

_____. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Paulo de Azevedo, 1961.

_____. **Pedaços da Fome**. São Paulo: Águila, 1963.

_____. **Provérbios**. São Paulo: Edição da Autora, 1965.

_____. **Diário de Bitita**. Madrid: Alfaguara, 1984.

_____. **Meu estranho diário**. MEIHY e LEVINE (Orgs.). São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Antologia pessoal**. MEIHY e LEVINE (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Child of the dark**: the diary of Carolina Maria de Jesus. (Tradução de David St. Clair). New York: Signet Classics/Penguin group, 2003.

_____. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Onde estaes Felicidade?** Fernandez, R. e Dinha (Orgs.). São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

LEVINE, Robert; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **The life and death of Carolina Maria de Jesus**. Albuquerque: University of New México Press, 1995.

_____. **Vale of tears**: revisiting the Canudos massacre in northeastern Brazil. London: University of California Press, 1995.

_____. **Father of the poor?** Vargas and his eras. United Kingdom: Cambridge university press, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

RUFINO DOS SANTOS, Joel. **Carolina Maria de Jesus**: uma escritora improvável. Rio de Janeiro: FBN, 2009.

SOUSA, Germana H.P. **Carolina Maria de Jesus**: o estranho diário da escritora vira-



lata.

Vinhedo (SP): Horizonte, 2012.

SOUZA, Maurício de. **Turma da Mônica.**

2017. Disponível em:

<<http://turmadamonica.uol.com.br/donasd>

arua/> Acesso em: 22 fev 2017.

Produção musical

Quarto de despejo. Intérprete: Carolina de Jesus. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1961. 1 LP

Filmografia

Caso Verdade: "Quarto de despejo – de catadora de papéis à escritora famosa", Rio de Janeiro, Rede Globo, 1983.